

# Palavras do editor

José Carlos Sebe Bom Meihy\*

DESDE A SEMENTE LANÇADA EM 1992, a proposta do que seria mais tarde, em 1994, a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) alimentou o sonho que hoje se materializa nesta revista *História Oral*. Pode-se dizer que o mesmo impulso criador gerou ambas. A ABHO e a revista, portanto, se relacionam como resultados do mesmo processo. Mãe e filha, as duas “geracionam” etapas de desenvolvimento de uma proposta que se exhibe publicamente triunfante.

Seria, de qualquer forma, difícil traduzir para o público geral as intenções e as expectativas contidas na proposta de uma publicação que se anuncia como porta-voz de um projeto coletivo. Difícil porque o desenrolar da trajetória da Associação traz em seu enredo os motivos que nos unem enquanto grupos de pesquisadores e estudiosos oriundos de diversas áreas do conhecimento. Desde que a história oral se evidencie entre nós como um ponto de chegada, a carga de críticas de outras experiências se faz tema de explicações que, afinal, justificam a sistematização de evidências que dimensionam reflexões agrupadas para dar vazão aos avanços de posturas analíticas expressas em nosso meio.

Em primeiro lugar é necessário revelar que os pesquisadores reunidos em torno da ABHO mais do que vivenciar as propaladas virtudes da multidisciplinaridade, carregaram para uma discussão comum as insatisfações em face dos resultados alcançados por procedimentos disciplinares consagrados em outras circunstâncias, projetando efeitos que socialmente pouco adiantaram em termos de efeitos de estudos aplicados.

Sim, garante-se que, antes de mais nada, o que tem unido os oralistas brasileiros é uma insatisfação em face dos produtos de trabalhos de pesquisas que pouco acrescentam em termos explicativos da sociedade e da cultura. A descon sideração do momento presente, ainda, tem gerado uma visão passadista da

---

\* Professor do Departamento de História da FFLCH-USP.

história e com ela a noção de *tempo presente* não emerge enquanto conceito vivo.

Em uma outra ordem, vale dizer que a disposição para o diálogo franco estruturou a história oral como *locus* de confluência de pessoas abertas à troca de opinião sobre procedimentos operacionais de suas áreas de militância acadêmica. Isto porém se coloca em questão posto que a dinâmica contida nesta postura a faz, naturalmente, provisória. Afinal, pergunta-se para onde caminha a nossa história oral?

Mesmo supondo respostas plurais, qualquer que seja a hipótese requer uma breve sondagem histórica que se inicia a partir dos entornos marcados pela sua origem. O ponto final desta investida deve responder se acata-se a nossa história oral como: uma nova disciplina, método, técnica ou mera ferramenta. O estatuto da história oral, assim, passa a ser objeto de discussão e neste sentido, a revista tem como objetivo refletir o andamento desta eventual tomada de posição.

A história oral em sua versão brasileira passou, desde suas primeiras investidas perdidas nos idos dos anos 70, a somar estudiosos que antes de mais nada clivaram a discussão sobre o sentido da oralidade como fonte inserida na trajetória da produção intelectual nacional. Isto, pode-se dizer, funcionou como uma espécie de revolução surda que subvertia as soluções de estudos quase sempre calcadas no remoto, na fundamentação escrita, ou em olhares enviezados.

Dadas as contingências do contexto da vida nacional brasileira, enquanto a história oral aflorava como um processo natural em vários meios intelectuais no mundo, no Brasil - como aliás em toda a América Latina -, as culturas acadêmicas tiveram que alçar a democracia e nela labutar para a integração no debate amplo. Isto, evidentemente, teve um preço alto: o empréstimo de resultados e a aceitação de um "colonialismo" que hora se coloca em questão. A solidão disciplinar também afetou procedimentos resultando numa estranha mistura que se expressa na corrente afirmativa que diz: para os historiadores história oral é uma coisa, para os sociólogos outra, para os antropólogos algo diverso do que seria para psicólogos, cientistas sociais e demais.

Com o passar do tempo, alçando a condição de manancial gerador de análise, os produtos derivados de expressões orais convocaram uma outra definição de fonte concorrendo com as soluções anteriores. Não mais bastando da ditadura da palavra escrita, mormente quando esta se mostrava resultante de documentos guardados em cartórios, distinguidos por raros e colados à condição de prova documental, a cultura acadêmica centrava fogo no que seria depois reconhecido como "documento vivo". A respeitabilidade da palavra dita precisou conquistar legitimação que, finalmente, se apresentou aceita depois que um corpo de pessoas resolveu acatá-la publicamente provando que não seria mais possível supô-la menor, sem relevância.

Dois fatores combinados qualificaram o oral como fundamento de reflexão: a crise do caduco conceito de fonte escrita e o alcance dos meios modernos de captação e registro de outras soluções documentais, principalmente os gravadores e filmadoras. Assim a palavra gravada e com ela, em alguns casos, a imagem registrada ganharam prestígio e estatuto de fundamento analítico. Logicamente isto se fez realidade paralelamente com outros elementos também alçados à condição de fonte: monumentos, música, utensílios variados da cultura material.

O lento processo de superação da dependência colonialista, de repente, aconteceu. A força da emergência da história oral brasileira é digna de espanto, não apenas entre nós. Sendo reconhecida, inclusive internacionalmente, o esforço da comunidade de oralistas brasileiros projeta este movimento como um dos mais expressivos do contexto intelectual de nosso meio. É neste meio que a Revista surge, aflorando questões variadas deste processo em curso.

Destacado para organizar este número, a equipe organizadora pensou-o de maneira a combinar artigos com um dossiê que de número a número variaria. Tal proposta não é inocente pois implicaria a equiparação de reflexões teóricas com resultados apresentados tematicamente. O impulso gerador deste número se fez sem anular a promessa de novas alternativas: entrevistas, notas. A semestralidade na edição, por sua vez, tende a respeitar as chances de publicação, sempre orientada pelos projetos diretores da Associação.

Enquanto editor deste número gostaria de saudar a gestão do oralista Antonio Torres Montenegro pela luta em favor da efetivação de sua proposta de campanha agora materializada. Sem a participação constante e diligente de Alice Beatriz da S. Gordo Lang e de Maria de Lourdes Mônaco Janotti este número não teria acontecido. André Gattaz, agora como editor adjunto, uma vez mais mostrou a força da história oral em sua vida.